

A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA DO INTERIOR DE PERNAMBUCO PELA VISÃO DE INTERPRETES OUVINTES

Fábio Alexandre Santos¹; Francisco Michell Silva Zacarias²; Sergio Nilson de Faustino³; Eduardo Gomes Onofre⁴

1. Professor SEE-PB e PE e Universidade Estadual da Paraíba email: fabioalexandre71@yahoo.com.br
2. Professor SEE – PB e Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: Francisco.michell@hotmail.com
3. Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: sergiolaquimica@yahoo.com.br
4. Universidade Estadual da Paraíba – Email: eduonofre@gmail.com

INTRODUÇÃO

A busca por uma escola de qualidade deve ser feita de forma que a inclusão esteja intrínseca na sua comunidade, onde a interação entre seus membros seja feita de forma que as diferenças sejam respeitadas e não buscar deficiências nos membros desta comunidade, A anormalidade é um julgamento estético e portanto, um valor moral sobre os estilos de vida. (DINIZ, 2012).

A procura por metodologias que visem uma melhora no processo ensino aprendizagem é uma constante em todas as sociedades, novas formas de ensinar estão sendo sempre postas em praticas nesta constate busca por uma melhoria na qualidade de ensino, identificar as formas de aguçar o aprendizado das pessoas nas suas diferenças é a grande questão da sociedade pós moderna, Diniz 2012, diz que “se pressuponha que o deficiente seria uma pessoa tão potencialmente produtiva como o não deficiente, sendo apenas necessária a retirada das barreiras para o desenvolvimento de suas capacidades’, ou seja, encontrar a metodologia certa para que as barreiras que dificultam a assimilação dos conteúdos sejam retiradas e teremos um melhor aproveitamento na escola, seja de alunos surdos ou não. O conceito de diversidade remete-nos ao fato de que todos os alunos têm necessidades educativas especiais, individuais e próprias, para se ter acesso ao conhecimento necessário para sua socialização.(SILVA, 2010)

No Brasil a Constituição Federal de 1988, em seu Art. 205, diz que todos têm direito a Educação e no Art. 208. Completa dizendo que é dever do estado garantir o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino, a LDB – Lei das Diretrizes e Base da Educação Nacional, 9.394/2006, vem garantir que o acesso e a permanência das pessoas com necessidades educativas especiais aconteçam

preferencialmente nas redes do ensino regular.

A criação da Lei 10.436 de 24 de Abril de 2002 vem reconhecer a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, como meio de comunicação e expressão das comunidades surda do Brasil e regulamentada pelo decreto 5.626/05, abrindo caminhos para que as pessoas surdas sejam respeitadas e se integrem ao meio em que vivem. (ALMEIDA e FONSECA, 2013). A LIBRAS vem ser muito mais que um língua, ela representa uma afirmação da identidade surda, sendo portanto um mecanismo de inclusão, de sua população na sociedade oralista, sociedade esta que excluiu os surdos durante muito tempo, excluindo-os por serem considerados incapazes de desenvolver qualquer atividade.

O oralismo é considerado pelos estudiosos uma imposição social de uma maioria lingüística sobre uma minoria lingüística. Como consequência do predomínio dessa visão oralista sobre a língua de sinais e sobre a surdez, o surdo acaba não participando do processo de integração social.

Skliar (1998, p.256)

A escola sempre esta na vanguarda das mudanças que ocorre na sociedade contemporânea, dentre estas inovações que ocorrem, um dos seus maiores desafios atualmente esta em cumprir com eficiência a inclusão de deficientes, desenvolvendo um projeto de educação para todos. A inclusão demonstra uma evolução da cultura ocidental, defendendo que nenhuma criança deve ser separada das outras por apresentar alguma espécie de deficiência. (ARAÚJO, 2014). A inclusão se torna uma oportunidade um catalisador para a construção de um sistema democrático melhor e mais humano (MANTOAN, 1997).

Percorrendo a trajetória histórica do povo surdo observamos que se em poucos momentos eram bem aceitos na esmagadora trajetória eles estão sendo prostrados, em alguns pontos da historias são perseguidos chegando ao ponto de serem sacrificados com a própria vida.

Segundo as antigas leis judaicas os surdos eram protegidos como criaturas privilegiadas que se comunicavam em segredo com Deuses. Já na china os surdos eram lançados no mar como sacrificio ao celebre “Deus Teutates”. Na Grecia eles eram considerados incapazes para o raciocínio e por isto eram condenados a morte, sendo lançados abaixo de rochedos. (ARAÚJO, 2014. P.26)

A idolatria fazia parte da cultura grega, para Platão(427/347 - século V e VI a. C.), o homem deveria se apegar à ginástica, não como um ato de promover saúde, mas de enobrecimento da alma.Para Aristóteles (384/322 - século IV a.C.), a mesma concepção se mantém, porém, o corpo aparece com mais evidência, reconhecendo sua importância na aquisição de conhecimento (PEREIRA, 2006). Os romanos da Roma antiga herdaram dos gregos esta idolatria pelo culto ao corpo, chegando a sacrificar recém nascidos que

apresentavam imperfeições físicas, desta forma os surdos quando pequenos conseguiam escapar deste destino fatal, pois quando crianças não era possível perceber a surdez no nascimento.

Em Roma, eles eram colocados na base de uma estátua nas praças principais e então devorados pelos cães. Por este motivo muitos historiadores pensaram que certamente às crianças surdas não se desse tal destinação dado que, seguramente, mesmo hoje é muito difícil fazer um diagnóstico precoce da surdez.

Strobel apud Radutzky (1992, p.11)

Os Surdos eram considerados impuros quando não foram perseguidos e sacrificados foram excluídos do convívio social, como cita Strobel, 2006. “Além de serem sacrificados, os sujeitos surdos eram também marginalizados do convívio social; eram isolados, eram presos em celas e calabouços, asilos e hospitais, ou feitos de escravos”.

Nem sempre os surdos estavam inclusos entre os deficientes físicos ou mentais, estavam mais próximos dos grupos das pessoas excluídas da sociedade e passavam a ter um tratamento diferenciado dos outros grupos sociais, como cita Strobel:

Os sujeitos surdos geralmente eram assimilados aos marginais, excluídos da sociedade, como objetos de compaixão ou ainda em um trabalho de esforço de conciliação cristã; então, na época, geralmente nos mosteiros, os monges beneditinos inseriam os surdos em suas atividades manuais, mas em nenhuma intelectual

(Strobel, 2006)

No contexto educacional os surdos também foram excluídos durante toda sua história, inicialmente sendo negada sua entrada na escola, pois eram considerados incapazes de assimilar conteúdos. Quando passaram a ser aceitos a escola lhes impõem uma educação oralista, onde a surdez era tratada por uma visão clínico-terapêutica, como uma patologia que deveria ser corrigida.(ALMEIDA e TEIXEIRA JUNIOR,2011). Mesmo quando estamos vivenciando uma educação bilíngüe onde a língua de sinais é considerada a primeira língua dos surdos e atualmente aceitamos uma visão sócio-antropológica da surdez, que esta é apenas uma dificuldade de aprendizagem e eles podem viver em uma sociedade normalmente, temos na escola uma educação primordialmente oralista, sendo basicamente a única utilizada pelos educadores. Assim os alunos surdos ficam em desvantagens comumente em sala de aula dos demais, pois recebem menos estímulos que os alunos ouvintes(PEREIRA, BENITE, BENITE, 2011)

Neste trabalho estamos realizando uma investigação qualitativa tendo como objetivo compreender o processo de inclusão dos alunos surdos buscando compreender a relação

existente entre as interações interpessoais e o desenvolvimento cognitivo dos discentes surdos em uma escola situada no interior de Pernambuco.

METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Por meio de uma pesquisa qualitativa utilizando como instrumento metodológico uma revisão bibliográfica e uma entrevista semi estruturada com uma interprete que assiste dois surdos que se encontram no primeiro ano do ensino médio de uma escola situada em goiana, estado de Pernambuco. Escola que conta no ano letivo de 2015 com mais de 1000 alunos matriculados distribuídos nos três turnos.

A escola oferece uma sala de atendimento especial aos surdos que conta atualmente com 10 alunos surdos como participantes, estes alunos são em sua maioria proveniente de outras escolas da cidade que vem para aprimorar seu aprendizado. Deste total apenas três estão regularmente matriculados na escola, sendo dois no primeiro ano do ensino médio e um na EJA.

Os alunos surdos estão localizados em uma turma do 1º ano do ensino regular e frequentam regularmente as aulas acompanhadas por uma interprete o processo comunicativo entre os alunos surdos, os professores e os alunos ouvintes ocorrem com auxílio da interprete, pois os alunos surdos se expressam na Língua Brasileira de Sinais e outras formas de comunicação não formal.

A interação entre os alunos surdos e ouvintes, bem como com toda a comunidade escolar é bem satisfatória, os alunos ouvintes sempre buscam se comunicar com os alunos surdos e tentam aprender LIBRAS, principalmente na hora do intervalo, isto faz com que os surdos se sintam incluídos.

Nas aulas não são utilizados procedimentos adaptados aos alunos surdos o que dificulta a aprendizagem deles, principalmente a ausência de imagens que somado a falta de sinais vem a dificultar a assimilação dos conteúdos vivenciados em sala de aula.

A presença de interpretes na escola é um mediador que tem um papel de fundamental importância no processo de inclusão dos alunos surdos na comunidade, pois estes promovem a interação entre ouvintes e surdos na comunidade escolar.

CONCLUSÃO

A escola ainda tem um longo caminho a percorrer para que realmente seja um espaço onde a inclusão seja inserida de forma eficiente, muitas lacunas devem ser vencidas na busca por uma educação de qualidade. O ambiente escolar é o local apropriado ao processo de inclusão, pois é nela que se aprende como o outro é são as diferenças que enriquecem a sala

de aula. No processo de inclusão não basta apenas os membros da comunidade escolar esta envolvidos de forma humana é preciso que as metodologias aplicadas dêem um suporte para que as diferenças sejam vencidas, intervenções pedagógicas, familiares e sociais vêm permitir que sejam criadas alternativas para que os alunos surdos possam ingressar e permanecer na escola de forma participativa, como fatia de uma sociedade inclusiva.

É importante salientar que não é apenas a escola que não está familiarizada com este perfil de inclusão, a sociedade como um todo também sofre e conseqüentemente vivenciamos diferentes tipos de exclusão em diferentes segmentos da sociedade.

A escola mesmo com tantos problemas e atribuições que lhe são impostas vem buscando formas e metodologias que visem promover a inclusão. Em sua maioria os profissionais que compõem a escola contribuem para que possamos promover realmente a inclusão, embora se faz necessário que sejam realizados trabalhos de forma periódica que visem inserir na sociedade como um todo a importância de todos praticarem o respeito e a tolerância para que possamos atingir a tão sonhada inclusão educacional e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. L; TEIXEIRA JUNIOR, J. G. . Reflexões acerca da Inclusão de alunos com surdez em aulas de Química. In: VII Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino em Ciências, 2011, Campinas. VII Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino em Ciências, 2011.

ALMEIDA, Andrea Oliveira e FONSECA, Maria da Conceição Vinciprova. Libras: A inclusão de surdos na escola regular. Disponível em: <http://web.unifoa.edu.br/praxis/numeros/09/65-69.pdf>, acesso em 28/06/2015

ARAUJO, Iêda da Silva. Inclusão de alunos surdos na escola regular do município de alagoinha-Pb. 2014 – Guarabira, TCC Trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Pedagogia. UEPB. 34p

DINIZ, Debora. O que é deficiência. São Paulo. Ed Brasiliense. 2012

MANTOAN, Maria Tereza Egler. Ser ou estar, eis a questão: explicando o déficit intelectual. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

PEREIRA, Ana Maria. Motricidade Humana: a complexidade e a práxis educativa. Tese de doutorado, Universidade da Beira do Interior, Covilhã, Portugal, 2006

PEREIRA, Lidiane de L. S., BENITE, Claudio R. Machado , BENITE, Anna M. Canavarro. Aula de Química e Surdez: sobre interações pedagógicas mediadas pela visão. Revista Química Nova na Escola, V33 n01, fevereiro de 2011

SILVA, Marcia Mercedes. A inclusão do Aluno Surdo no Ensino Regular: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.11/GT_11_04_2010.pdf, acessado em 29/06/2015

SILVA, Marcia do Socorro E. da. Um Olhar Sobre a Identidade Surda. Disponível: <http://www.poscritica.uneb.br/anais-eletronicos/arquivos/32%20%20UM%20OLHAR%20SOBRE%20A%20IDENTIDADE%20SURDA.pdf>, acessado em 11 de Maio de 2015.

SKLIAR, Carlos (org.) A Surdez: um olhar sobre a diferença Mediação. Porto Alegre: 1998.